



AMOR: OBJETO DO DESEJO

Walkiria Helena Grant
Analista da ACP

Vamos começar pelo fim conhecido por todos aqueles que foram expostos aos contos de fadas: “Casaram-se e foram felizes para sempre...” Fecha-se o livro e abre-se, no imaginário de cada um, espaço para fantasias de felicidade eterna, de completude perfeita, de mergulho no paraíso prometido.

Entre a construção imaginária proposta logo acima de uma felicidade paradisíaca, e aquilo que acontece no real, sabemos existir uma distância imensa. A relação de parceiros amorosos no nosso cotidiano, válida, de maneira marcante, uma discrepância entre o que é de ordem da realidade vivida e o que é de ordem imaginária. O que ressalta nos ditos sobre as relações amorosas é um fantasma que poderíamos, sem muito medo de errar, chamar de insatisfação. Em outras palavras, desejamos o amor, e quando o temos, o fantasma da insatisfação teima em se fazer presente - o que acontece?

Uma característica importante do amor é sua associação ao desejo no ser humano, e esse é por excelência metonímico, ou seja, o objeto do desejo está sempre deslizando numa cadeia significativa... Desejamos o que não temos, eventualmente temos coisas que pensávamos fosse nos completar... Tão logo a conquista acontece, constatamos a eleição de outro objeto do desejo. É fácil constatar essa mobilidade do desejo quando nos voltamos para situações extremamente corriqueiras, como, por exemplo, um investimento de anos, para conseguir obter um determinado diploma de graduação. Assim que estamos de posse do canudo, já planejamos um curso de especialização, uma pós-graduação... Deslocamento contínuo, apontando uma insatisfação constitutiva do desejo no sujeito, um movimento constante de busca. É este o motor propulsor das descobertas contínuas no campo das ciências: a conclusão de uma pesquisa, que parecia ser a resposta conclusiva, sofrerá desdobramentos que poderão indicar vetores impensados até aquele momento. O desejo, no seu funcionamento normal, teima em não ser arrolhado, tamponado.

O mundo só pode nos oferecer objetos substitutos, ao que foi num tempo mítico, vivido como uma relação marcada como sendo da ordem de uma completude paradisíaca – este seria o protótipo da relação com a figura materna, a mais acabada de todas as relações. Ocorre que a continuidade da existência da célula narcísica mãe-filho, implica num corte com o mundo, com o social. Nesse modelo, não se deseja fora e, no limite, haveria a morte das alianças sociais, da construção de uma sociedade, da continuidade da raça humana. No campo das estruturas clínicas, temos a psicose como modelo de uma parceria, onde reina a simbiose materno-filial. Nessa relação, falta a falta, falta a entrada de um terceiro fazendo um corte na relação mãe-filho. Esse terceiro é o “pai”, ou aquele que venha a exercer a função de corte: fazer com que a mãe deseje fora do corpo do filho. É disso que se trata, quando em psicanálise falamos de castração. Essa é uma operação simbólica que, ao instituir um corte no vínculo mãe-filho, põe em evidência falta, ali onde não faltava nada. Uma das consequências importantes da castração é o retorno para esse filho, que a ele falta algo, falta que o lançará a buscar o objeto de seu desejo alhures... Nenhuma outra parceria será



completa, todas serão marcadas por uma insatisfação fundamental – o objeto do desejo é um objeto perdido, mítico. Não há mais volta. Resta escutarmos como cada sujeito lida com essa estrutura que o marca como um sujeito faltante para sempre.

Retornaremos à parceria estabelecida, numa relação amorosa específica, para pensarmos a questão: como acomodar o funcionamento do desejo, sempre deslizante, sempre metonímico, e a escolha de um parceiro na relação amorosa? Vale ressaltar que a realidade nos oferece dados de existência de parcerias amorosas que se apresentam estáveis no tempo. Como pensar esse, aparente, paradoxo?

PAIXÃO

Propomos focalizar o sentimento da paixão como sendo um caminho privilegiado para dar conta dos (des)caminhos do desejo no ser humano. Ela é um sentimento que frequentemente marca o início dos relacionamentos amorosos e aponta para uma relação possessiva, onde o objeto amado ocupa todo espaço disponível na vida de um sujeito. Deseja-se o objeto de amor por inteiro, todo, todo o tempo... No limite, acaba por tornar-se uma parceria asfíxiante. Esse seria um excelente exemplo para falarmos de uma das formas da patologia do amor, pois esse modelo impõe a fixação do desejo sobre um objeto. O desejo não pode mais conhecer seu funcionamento normal e a clínica nos mostra seus efeitos: como consequência desta “colagem”, o parceiro passa a ser portador de nossas próprias dificuldades. Ou seja, um e outro se amalgamam, a ponto de um parceiro dizer algo e depois afirmar: “Você é que disse!” ou, cobiçar fora da relação e depois acusar: “Você estava se oferecendo...” É a dimensão paranoica da relação amorosa, que numa intensidade maior ou menor, poderá ocorrer em grande parte das parcerias amorosas. Um dos parceiros se impõe e o outro se anula; um pensa que deseja, mas, na verdade, está atuando o desejo do outro. O perigo é perdermos a dimensão do que desejamos, morrermos enquanto sujeitos desejantes, para suportarmos o que é do outro. O preço pago é o sofrimento, que nas suas diversas formas de expressão sintomáticas, pede por um socorro, por uma escuta apurada.

Pensemos no exemplo de um professor universitário, inteligente, bem sucedido na vida, casado com uma típica dona de casa. Tiveram dois filhos e ela, pressionada pelo marido que não queria administrar problemas decorrentes do esquema de dependência de empregados para cuidar da prole, deixa seu emprego. Ela passa a cuidar dos filhos, esperar o marido para o jantar... Tudo poderia continuar assim, como certamente esse pode ser o modelo de inúmeros casais. Ocorre que nesse caso, a amante do marido apresenta-se para a esposa e coloca-a a par da situação. Esse momento de ruptura instala um mal estar – ela faz um quadro depressivo agudo, não queria mais desejar, queria morrer. Tinha se anulado por toda uma vida para ele brilhar, e, até então, tinha sentido prazer na identificação com seu sucesso. A entrada de uma terceira desorganiza o que parecia apontar para um casamento estável. Ela agora constata o quanto errara. Ao deixar que só seu marido desejasse pelos dois, ao anular-se como sujeito desejante, sem o perceber, consentiu numa morte premedita. Sua depressão pôde ser escutada, o desejo pôde buscar outros caminhos, que não a fixação mortífera. Interessante que ela desenvolveu durante o trabalho analítico, a aptidão de costurar, meio com o qual passou a ganhar dinheiro. Costurar nos permite fazer uma escuta diferente, apontando outro sentido... Passar fios entre panos, unindo partes que, antes, nem ao menos existiam! Vale ressaltar que é necessário haver recorte no tecido, a fim de que surjam partes que antes formavam



uma só extensão. Só depois do recorte podemos ter o tempo da costura, da união. Dito de outra maneira, a estabilidade emocional possível para esse sujeito, pressupôs a vivência de um corte necessário na relação com a figura do cônjuge, espaço fecundo para a criação de outra forma de existência.

No campo cinematográfico, temos no filme “O Império dos Sentidos” de Nagisa Oshima, um belo exemplo de paixão naquilo que ela tem de mortífera: a heroína do filme, num gesto desesperado para possuir o amado, acaba por matá-lo e decepar seu pênis tão desejado. Foi presa dias depois, vagando pelas ruas, sem destino, ainda em posse do objeto desejado. Se o modelo de paixão imobiliza, mata o objeto amado, frequentemente ele dá lugar ao amor. Esse sentimento implica num maior amadurecimento pessoal, uma vez que o sujeito, em questão, deve suportar certa mobilidade do objeto amado... Afinal, existem amigos, familiares, cinema, teatro, livros... Junto com o amor instala-se um sentimento de incompletude, de que algo falta, e a prova contundente disso é haver interesses num mais além de cada membro da parceria amorosa.

Alguns sujeitos não conseguem lidar com a insatisfação imposta pelo interesse centrífugo do parceiro, recomeçam outros relacionamentos que fatalmente desembocarão numa eterna repetição do mesmo... Magicamente pretendem sustentar uma relação onde um é tudo para o outro, em outras palavras, buscam desesperadamente reproduzir a relação primitiva e completa com a figura materna. Cresceram, mas não suportaram a dor de não serem únicos numa relação amorosa, como no passado foram para suas mães.

Do lado dos homens, encontramos frequentemente aqueles tipos, “coleccionadores de troféus”: seduzem e abandonam mulheres numa busca contínua de encontrar um relacionamento que seria “perfeito”. Restam mulheres abandonadas, depressivas e que frequentemente chegam até os consultórios médicos e/ou psicológicos. Do lado das mulheres é mais frequente encontrarmos as sempre sozinhas, depressivas, aquelas que, mais uma vez, terminaram um relacionamento insatisfatório. É a angustia, a dor frente a uma situação repetitiva que pode nos engajar num caminho de mudança. Quanto aos “coleccionadores de troféus” ou das “sempre sozinhas”, resta assisti-los até que um dia o amor os fogue... Cada um de nós, marcado por uma determinada história de vida, tenderá a estabelecer parcerias amorosas, marcada por uma determinada especificidade. Essa é frequentemente verbalizada pelo próprio sujeito, ao nível consciente, o que não implica que haja um saber sobre essa determinação. Se olharmos para trás, na busca de um denominador comum que diga algo sobre a figura do parceiro que nos interessa, podemos nomeá-lo: eles eram “ricos”, “pobres”, “casados”, médicos, etc... Pensemos num sujeito capaz de dizer que a mulher que o interessa insiste ser sempre marcada por ser “leviana”. Isso pode *implicar*, num determinado momento da vida, em sofrimento e resultar numa demanda de análise: por que será que teimo em escolher mulheres que desejam vários homens? Quanto ao sentido de “mulher leviana” na vida de um sujeito, esse será construído no decorrer do trabalho analítico para, eventualmente, poder deixar de ser um marco fundamental a guiar uma vida.

“SÃO IGUAIS”

Estamos falando de parcerias amorosas e existe uma frase instigante, dita tanto por homens, como por mulheres: *são iguais*. Do lado das mulheres, podemos escutar: “Todos os homens são iguais” e, do lado dos homens, “Apagou a luz, todas as mulheres são iguais”. Ressaltamos que o mecanismo



das duas frases citadas acima, tanto do lado dos homens como do lado das mulheres, tem como denominador comum a busca de um esfumamento das diferenças existentes entre cada sujeito da parceria amorosa – “são iguais”. Mas, como nos aproximarmos do sentido desses dizeres?

Uma mulher, ao dizer que “todos os homens são iguais”, fala de um “igual” na sua incapacidade de entender uma mulher, na impotência de satisfazê-la completamente – todos os homens são igualmente insuficientes. Esse é um discurso típico da estrutura histérica, aquela que doa sua vida para mostrar ao Outro que ele não é completo; ao colocar em primeiro plano a impotência do mestre/companheiro para satisfazer seu desejo.

Do lado dos homens, temos a figura prototípica de Don Juan, para quem todas as mulheres são iguais – todas são igualmente capazes de provocá-lo a ter uma reposta sexual. Nenhuma era diferente, nenhuma era capaz de ser *a* escolhida. Os “Don Juans” seriam homens que desejam, mas não amam. Marquemos o fato de que os Don Juans seriam aqueles homens que sustentariam um relacionamento apenas uma vez, depois nunca mais... Sua força, para algumas mulheres, é a certeza de sua ausência num outro encontro. Um desdobramento importante desse único encontro é a possibilidade de haver, no limite, apenas o encontro de corpos... Elas podem obter a satisfação no plano do gozo sexual, uma vez que não entra em jogo a inscrição do nome patronímico. Poderíamos pensar também haver uma vertente na mulher que reitera encontros com essa especificidade, na busca constante da degradação do nome paterno, de seu assassinato simbólico. Ela, marcada por um nome recebido do pai, deseja um homem que ridicularize sua figura paterna. Mas, uma mulher pode querer isso? Muitas vezes o ódio da figura paterna e o desejo de seu desaparecimento podem ser secretos, mas suficientes para mobilizarem certas formações sintomáticas.

No início desse tópico, retomamos uma frase dita por homens. “Apagou a luz, todas as mulheres são iguais”. Interessante que os homens “apagam as luzes” e as mulheres não... As mulheres vivem com ciúmes daquilo que os homens estão pensando... “tem uma mulher na cabeça dele”... A mulher sabe, de alguma maneira sabe, que a imagem causa do desejo do homem não é a dela. Ela é apenas uma substituta do primeiro objeto de amor do homem, que foi sua mãe. Daí haver alguns traços semelhantes entre a figura da mãe e a eleita como companheira. Quantas vezes já ouvimos como expressão do ciúme feminino, a famosa frase: “É a mãe!”. Embora não pretenda explorar esse aspecto no momento, gostaria de pontuar o fato de que se a companheira é por demais associada à figura materna pelo homem, frequentemente observamos patologias tais como: impotência psíquica ou ejaculação precoce. O homem, ao associar a mulher à mãe, não pode fazer amor com a companheira, por temor inconsciente de estar praticando um ato incestuoso. O sujeito, no plano consciente, não tem o poder de “educar”, de “comandar” através da vontade, o “pênis” – a ereção é um ato comandado pelo desejo, e esse, por definição, é inconsciente. É por isso que encontramos casos, que apesar de instalada uma impotência no âmbito da relação conjugal marital, poder haver uma vida sexual totalmente ativa e normal fora do casamento - frequentemente com figuras de mulher degradadas, a saber, “tipo prostitutas”. Aliás, sabemos que a maior ofensa dirigida a um homem é chamá-lo de filho da puta! Ocorre que essas mulheres são totalmente diferentes da mãe, com elas não há perigo de incesto! A companheira não é a mãe, mas o inconsciente não sabe. O caminho possível para que não haja superposição da figura da mãe com a da companheira é a vivência da castração simbólica. Com isso, aponto um corte necessário com o vínculo idílico estabelecido com a figura materna, de maneira que a outra mulher possa assumir uma posição de destaque na vida de um homem.



Dizíamos que a imagem de “outra” mulher, com maior ou menor intensidade, sempre se faz presente como causa de desejo para um homem. Do lado da mulher, o significante do seu desejo é localizado no órgão de seu parceiro. Sabemos que o parceiro amoroso é substituto do primeiro objeto de amor de uma mulher: o pai e, o mais antigo objeto de amor, que é a mãe. Com muito mais frequência do que podemos imaginar, encontramos uma manifestação sintomática da mulher que aponta para um não poder desejar o parceiro, que é a frigidez feminina. Existem estudos que apontam uma entre duas mulheres que são total ou parcialmente frígidas. Não gozam, não gostam de ter relações sexuais e quando acontecem, mostram-se indiferentes. Interessante que a frigidez feminina é tão bem tolerada pelas mulheres, que muitas vêm a nomear sua frigidez, passados muitos anos. Outras, certamente nunca nomearão esse fato. É preciso escutá-las para sabermos o sentido desse sintoma, mas sabemos que a mulher, diferentemente do homem, é capturada por um gozo suplementar ao gozo fálico. É um gozo silencioso, mas parece produzir efeitos, por exemplo, pelo fato de poucas mulheres apresentarem como sintoma, enquanto fazendo sofrer, a frigidez. É como se elas pudessem viver um gozo, sem o saber consciente e, assim mesmo, obterem uma satisfação silenciosa e solitária.

Incrível que com toda essa problemática, homens e mulheres teimam em tentar encontrar a felicidade, tal como encenada nos contos de fada.

O CASAMENTO

A cerimônia do casamento, marcada pela entrada de uma mulher escolhida fora do círculo familiar, aponta para o estabelecimento de laços sociais, de trocas com a comunidade. Mais do que isso, o ritual do casamento é sinal de uma solicitação de reconhecimento dos laços amorosos por uma instância jurídica, correlato da instância paterna, de uma relação que era fundamentalmente dual. O tabu que impede os homens de desposarem mulheres dentro do círculo familiar está pautado numa conjunção de fatores que organizam o desejo do homem e que Freud denominou Complexo de Édipo. Esse complexo está pautado na possibilidade da interdição do corpo materno ou paterno para a criança, condição necessária para que ela, sentindo-se insuficiente para completar a mãe (ou o pai), possa **desejar** fora da casa paterna. Retomando a cerimônia do casamento, e a solicitação de seu reconhecimento por uma instância jurídica, é importante ressaltar que junto com ela vem uma esperança que o laço assumido, as juras verbalizadas, sejam mais duradouras... Que sejam eternas. Sabemos que na vida real essa esperança mostra-se frequentemente vã...

Falemos um pouco do anel que vem junto com a cerimônia do casamento, às vezes antes, no noivado.

Brasil¹ nos traz o pitoresco fato de que por volta de século 15, na Europa, a cerimônia de casamento marcava a predominância do marido: ele era a parte ativa ao dar o anel, e os presentes costumeiros. Nessa época, eram três os anéis, e o noivo dizia:

“Com este anel eu te desposo
com este outro eu te honro

¹ **Brasil, M.A.C.-O Anel Que Tu Me Deste. In: Calligaris, C. O LAÇO CONJUGAL.** Porto alegre, Artes Médicas, 1994. p. 103-109



e com este outro eu te doto”.

Esses três anéis marcavam a união e a posse – ao aceitar o anel, a mulher era impedida de fazer outras opções e ter outros contatos. Ao casar, a mulher recebia um lugar a ocupar frente ao social e também o nome: “eu te doto”. Só mais tarde, no século XVI, surgiu a troca das alianças, simbolizando um comprometimento de cada um com o outro.

Imaginemos então um casal que se ama, que recebeu as bênçãos parentais, os anéis e, mesmo assim a relação a dois rateia em pouco tempo. Algo não vai, incomoda. Haveria algo, intrínseco à natureza da sexualidade, desfavorável à plena satisfação?

Para encaminhar essa questão é preciso que pensemos sobre a natureza do ser humano. Ele é um ser falante, fundamentalmente simbólico. Muito além da carne que o constitui, ele é marcado por uma história de vida que vai se inscrevendo, marcando, como ferro em brasa, sua carne bruta. É por isso que, ao contrário dos animais que copulam quando estão no cio, o ser humano pode viver toda uma vida sem ter relações sexuais. Em outras palavras, não temos nada de natural, é a linguagem que tem efeito significativa nas relações que iremos instituir durante nossas vidas. Carregamos um peso de carne, e, no entanto, nosso desejo é comandado por coisas/palavras vistas e ouvidas. Essa vertente simbólica será determinante na maneira como lidaremos com essa carne, que revestida libidinalmente, tornar-se-á um corpo que sofre, que sente prazer, que busca mutilar-se... Seremos atravessados pela relação discursiva implica uma disjunção do registro discursivo com o real da carne. Um desdobramento imediato que poderemos fazer dessa constatação, é de que a relação sexual entre um homem e uma mulher é da ordem do impossível. Não existe a possibilidade de pensarmos em complementação entre um homem e uma mulher – estamos falando da impossibilidade de haver complementação entre o que é da ordem da carne bruta, e do que é de ordem simbólica.

Retornemos aos casos em que escolhemos um parceiro, esse não é qualquer um – é alguém marcado por um significante: ser moreno, ter um olhar triste, ser judeu, ser forte, ser rico, ter pés bonitos... Nem sempre somos capazes de verbalizar aquilo que nos levou a escolher um (a) determinado (a) parceiro (a), com determinadas características. É por isso que ao mudarmos, ao nos tratarmos de uma determinada neurose, às vezes precisamos optar por uma mudança na escolha conjugal. Aquele que foi escolhido numa determinada época de vida, respondendo a uma determinada demanda inconsciente, pode passar a não mais “caber no molde”. Outras vezes, mudanças da posição fantasmática de toda uma vida – como, por exemplo, no caso de uma mulher que tinha que “ser nada” para os outros e para seu próprio marido -, podem provocar mudanças no companheiro também, de maneira a conseguir diferentes parâmetros de convivência.

AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

Continuamos amando, cantando, escrevendo sobre o amor, mas diria que a marca da solidão na sociedade moderna, nesse mundo globalizado que nos convoca a responder num tempo precipitado, não são sem consequências nas parceiras da modernidade.

O ritual do namoro e noivado, que antecedia o casamento, marcavam um tempo de espera que hoje é curto-circuitado pelo “ficar”. O tempo é vivido de outra maneira, as coisas envelhecem rápido, são descartáveis. Com isso, é claro que fica mais fácil do que antigamente o trabalho de



separação de casais, o que não quer dizer que não haja sofrimentos – algo do ser do sujeito é convocado neste momento de “fracasso”,

“Ficar” também inverte a ordem antiga: nome, sexo e ritual do casamento. Antigamente, na cerimônia do casamento, a noiva perdia seu patronímico e recebia em troca o nome do seu futuro marido. Só depois, lhe era permitido ter uma vida sexual. Algumas vezes dava certo... Nem sempre. Se a angústia de não ser reconhecida como a esposa/companheira de fulano era sanada com o casamento, outras angústias, decorrentes do primeiro encontro sexual, poderiam advir. Na atualidade, temos primeiro o sexo e eventualmente o nome virá, num só depois. Muitas mulheres sofrem, apesar de terem uma vida sexual satisfatória – vivem convocando o companheiro para nomeá-las, seja casando, seja dando o nome a um filho.

A solidão é uma marca importante do mundo atual – as pessoas vivem solitárias ou, a solidão é a dois... Temos como sintoma moderno um enxugamento das palavras, uma secura da troca de dizeres... Uma solidão à dois! Existem os homens celibatários, os que evitam o contato com a mulher; existem os que desejam a mulher, mas mesmo assim optam por viverem sozinhos. Existem os que, embora em parcerias, sentem-se sozinhos, como na bela canção que Peninha escreveu e Caetano canta:

Às vezes no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado, juntando
O antes, o agora e o depois
Por que você me deixa tão solto?
Por que você não cola em mim?
To me sentindo muito sozinho
Não sou nem quero ser o seu dono
É que um carinho às vezes cai bem
Eu tenho os meus desejos e planos secretos
Só abro pra você e mais ninguém
Por que você me esquece e some
E se eu me interessar por alguém?
E se ela, de repente, me ganha?
Quando a gente gosta
É claro que a gente cuida
Fala que me ama
Só que é da boca pra fora
Ou você me engana
Ou não está madura
Onde está você agora?

No caso da mulher, as “solteironas” de antigamente estão dando lugar a mulheres que optam por morarem sozinhas – a emancipação da mulher permite que essa seja uma opção.

A solidão, especialmente na mulher, pode nos apontar a presença marcante de um alguém, que por se manter vivo na fantasia, tem mais chances de ser perfeito, de ser O HOMEM que a histórica tanto



almeja. Podemos pontuar, na fala de nossas pacientes, a saudade de alguém que viajou para não mais voltar, do parceiro que morreu... Eles passam a ocupar a posição dos parceiros perfeitos. E Isolda, com muita sensibilidade, escreve sobre as mentiras do amor e a presença do amado “na saudade que eu gosto de ter”:

OUTRA VEZ

“Você foi a mentira sincera
Brincadeira mais séria
Que me aconteceu
Você foi o caso mais antigo
E o amor mais amigo que me apareceu
Das lembranças que eu trago na vida
Você é a saudade que eu gosto de Ter
Só assim sinto você bem perto de mim
Outra vez”

Se a relação sexual é da ordem do impossível, relações sexuais são possíveis, laços conjugais são possíveis. Frente ao impossível, resta-nos a capacidade de inventar e, as canções, as cartas de amor, são uma testemunha dessa invenção constante.

Escrever, declamar, cantar o amor, são maneiras de driblarmos o impossível da relação sexual.